

Banqueiros vão demorar a decidir

Washington — Serão necessários, pelo menos, dois meses e meio para armar um segundo pacote de resgate financeiro para o Brasil, afirmou ontem um banqueiro ligado ao Comitê de Assessoramento Bancário do país, que quarta-feira passada manteve em Nova Iorque uma reunião preliminar sobre a questão.

Contudo, espera-se que o Fundo Monetário Internacional (FMI), envie na semana que vem um sinal claro aos bancos sobre se pensa aprovar o novo plano econômico brasileiro e reiniciar a entrega de seus créditos ao Brasil.

A aprovação do FMI liberará 1,7 bilhão de dólares prometidos ao Brasil no início do ano pelos bancos, dentro do primeiro pacote de resgate financeiro de 4,4 bilhões de dólares, e que ainda não foram liberados.

Neste contexto se situa a chegada aos Estados Unidos, quarta-feira à noite, do presidente do Banco Central do Brasil, Carlos Langoni, cercada pelo mais absoluto sigilo.

Langoni devia se reunir anteontem à tarde com o Comitê Bancário em Nova Iorque, e se entrevis-

tou pela manhã com o presidente da Reserva Federal norte-americana, Paul Volcker, em Washington, onde também visitou o FMI, segundo apurou-se ontem.

Langoni discutiu com Volcker e com o subsecretário do Tesouro, R. T. McNamar, uma suspensão de pagamentos de 1,5 bilhão de dólares relativos a dívidas garantidas por/ou contraídas com os governos dos países industrializados, decidida pelo Brasil esta semana, depois de ter solicitado na semana passada a reestruturação de tal dívida ao Clube de Paris, disse um funcionário do Tesouro que exigiu o anonimato.

Também foram discutidas as condições que o Brasil deverá preencher para poder receber uma garantia para créditos as exportações norte-americanas, propostos pelo Eximbank, no total de 1,5 bilhão de dólares.

As condições para a extensão da garantia exigem que o Brasil deve cumprir com os programas de ajustes econômico elaborados com o FMI e que instituições de crédito norte-americanas devem assegurar financiamentos subs-

tanciais. Outros países devem também dar garantias semelhantes para as exportações de seus produtos ao Brasil.

Langoni saiu ontem à tarde de Washington com destino a Nova Iorque, onde devia reunir-se com o Comitê de Assessoramento Bancário do Brasil, depois de não participar da reunião de quarta-feira passada face a um atraso, por problemas técnicos, do vôo procedente do Brasil.

Um banqueiro que participou desta reunião informou que a sessão de trabalho foi "muito preliminar".

Outros participantes se mostraram bem mais prudentes e, embora falassem sobre progressos, destacaram que ninguém quer colocar sobre a mesa um plano que corra o risco de não funcionar posteriormente.

Esperava-se que os bancos considerem-se em suas conversações desta semana propostas para acelerar o desembolso de 1,7 bilhão de dólares que ainda faltam do primeiro pacote de resgate, mas denominadas linhas interbancárias.

Mas os banqueiros advertiram

que não estão dispostos a conceder ao Brasil dinheiro suplementar, mas sim uma firme indicação de que o FMI está satisfeito com o programa econômico brasileiro e seguros de que essa instituição pensa em reiniciar o desembolso de seus créditos. Alguns banqueiros esperam receber na próxima semana um sinal do FMI neste sentido.

Contudo, a aprovação formal pela diretoria do FMI do novo plano brasileiro não ocorrerá até outubro próximo, segundo fontes financeiras, e então o organismo internacional liberará duas quotas de um total de mais de 800 milhões de dólares, retidas pela instituição desde maio passado devido a incapacidade do Brasil de cumprir com sua carta de intenções inicial.

Outras fontes financeiras informaram que os banqueiros desejam estipular que todo o novo desembolso de créditos bancários ao Brasil deve ser utilizado por este país para devolver dinheiro aos bancos por vencimentos não cumpridos.

A dívida externa brasileira, a maior do mundo, eleva-se a mais de 95 bilhões de dólares.